

DA CASA PARA A RUA

Entrevista com Roberto DaMatta

Entrevistadores:

Paulo Nassar

Aberje e Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
ORCID 0000-0002-2251-9589

Luiz Alberto de Farias

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
ORCID 0000-0003-3642-4780

Ana Claudia Pompeu Torezan Andreucci

Universidade Presbiteriana Mackenzie
ORCID 0000-0003-3625-905X

Gustavo Orlando Fudaba Curcio

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
ORCID 0000-0003-0168-0901

Revisão e edição de texto:

Thaís Aiello

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo
ORCID 0000-0002-3001-7183

O entrevistado desta primeira edição da Revista Interfaces da Comunicação é **Roberto DaMatta**, historiador, especialista em Antropologia Social e que tornou-se mestre e Ph.D em, respectivamente, 1969 e 1971 pelo Peabody Museum da Universidade de Harvard. Foi Chefe do Dept. de Antropologia do Museu Nacional e coordenador do seu Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (de 1972 a 1976). É professor emérito da Universidade de Notre Dame, USA, onde ocupou a Cátedra Rev. Edmund Joyce, c.s.c., de Antropologia de 1987 a 2004. Atualmente, é professor titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Realizou pesquisas etnológicas entre os índios Gaviões e Apinajés. Foi pioneiro nos estudos de rituais e festivais em sociedades industriais, tendo investigado o Brasil como sociedade e sistema cultural por

meio do carnaval, do futebol, da música, da comida, da cidadania, da mulher, da morte, do jogo do bicho e das categorias de tempo e espaço.

Em tempos pandêmicos, a distância tornou-se parte de nossa rotina, juntamente com outros hábitos que se incorporaram de modo, talvez, irreversível. Novos rituais nos surpreenderam, novos modos e comportamentos foram chegando a nossas vidas e, em meio a isso, muitas dúvidas sobre como serão os anos que estão à nossa frente. A vida tornou-se menos rua e mais casa, pelo menos para os que puderam optar por isso.

Em outros tempos, teríamos ido ao Jardim Ubá ver de perto trilhas, lugares e pessoas que sensibilizam nosso entrevistado, o antropólogo Roberto DaMatta, um estudioso do Brasil e do brasileiro, mas não um estudioso a que estamos acostumados. Sim, porque ele pesquisa e estuda há décadas olhando para os detalhes, fugindo dos vícios do olhar, entendendo o que nos faz ser como somos. E, assim, ele enxerga para além dos conceitos estabelecidos e inquestionáveis, observa os rituais e as narrativas de um brasileiro que conta histórias sagradas e profanas, às vezes ao mesmo tempo, utilizando-se de estereótipos e também os contestando.

DaMatta nos recebeu no Jardim Ubá, onde aportamos via internet, em uma daquelas aterrissagens típicas: cheia de quedas de sinal, de microfones fechados e lábios dizendo coisas que talvez nunca mais seriam repetidas. Foram emoções virtuais por meio de nossas próteses digitais. O enquadramento de sua câmera não nos permitiu ver muito além de alguns livros, estantes e objetos que compõem o seu lugar, mas, em nossa imaginação, nos acercamos mais da janela virtual ali aberta e pudemos passear por sua extensa biblioteca, manuseando obras lidas por ele, marcadas por canetas, dobraduras, lápis e, acima de tudo, com pistas e traços de seu olhar. Nessa viagem, sentimos cada cômodo de sua casa e pudemos inalar o odor da sua história.

O professor Roberto DaMatta é dono de uma valiosa produção composta por livros, artigos, conferências, debates, entrevistas e vida, que compartilha com os que o cercam. A *Revista Interfaces da Comunicação* inaugura sua seção de entrevistas qualificando a sua escuta: afinal de contas, estando perto de DaMatta, basta parar e ouvir narrativas da

experiência, que mostram como cada objeto, cada espaço e todas as pessoas fazem com que, de fato, os rituais tenham seu mais verdadeiro e sincero sentido.

Interfaces: Quem é Roberto DaMatta?

Roberto DaMatta: A pergunta “quem é você” é das mais difíceis. Somos vários. Posso dizer que há o autor DaMatta, cujas obras têm perenidade. Já esse que vos fala, um dia vai embora, sai de cena.

Interfaces: Quais as suas memórias de infância e como a antropologia entrou na sua vida? Você a fogueou ou foi capturado por ela?

DaMatta: Outra pergunta difícil. Creio que, em termos de fogueada, a Antropologia e eu temos uma relação de afinidade, quase um parentesco, porque venho de uma família extensa lá da Amazônia. Minha mãe nasceu em Manaus e sua linhagem é amazonense e maranhense. Já meu pai tem ancestralidade baiana. Raul, meu avô paterno, chegou a Manaus na virada do século XIX para o século XX, quando ainda estudava Direito. Ele acompanhava o irmão, Alfredo DaMatta, que se formou pela Escola de Medicina da Bahia, a primeira do gênero no Brasil. A notoriedade desse tio-avô extrapolou a medicina, tanto que ele chegou a ser senador da República, tendo participado da primeira constituinte, no Rio de Janeiro, capital do Brasil à época. Hoje, ele consta na *internet* como pioneiro no estudo da doença de Chagas e de enfermidades dermatológicas, além de dar nome a uma importante fundação no Amazonas.

Interfaces: E quanto ao seu avô?

DaMatta: Meu avô atuou como juiz, desembargador e chefe de polícia em Manaus. Ele se casou três vezes. Era um tempo em que a morte rondava muito mais próxima, o que o fez vivenciar a viuvez das duas primeiras esposas. Com a primeira, não teve herdeiros. Já do segundo casamento, nasceram uma menina e um menino. Quanto aos demais filhos, foram frutos do terceiro relacionamento, com uma viúva que tinha dois filhos e estava grávida de minha mãe.

Interfaces: Não falávamos de sua linhagem paterna?

DaMatta: A complexidade reside no fato de que venho de uma família bem brasileira, em alguns sentidos. Meu pai era, ao mesmo tempo, enteado e genro da minha avó, enquanto minha mãe, por sua vez, era enteada e nora do meu avô. Essa história explica *freudianamente* o meu interesse por estudar parentesco e família, ramo fundamental da Antropologia.

Interfaces: Um enredo familiar bem intrincado. O que descobriu em seus estudos?

DaMatta: Constatei até a história do assassinato do primeiro marido da minha avó por um rival. Encontrei a notícia em um jornal de Manaus. Como disse, venho de uma família brasileira extensa, na qual, como nos tempos da escravidão, os cunhados eram meio-irmãos. Já meus pais eram irmãos de criação, uma vez que meu avô Raul, então pai de uma filha e de um filho, casou-se com minha avó Emerentina, mãe de dois meninos e de uma menina. Foi nessa estrutura distinta e peculiar – mas provavelmente mais comum ou mais recorrente do que pensamos – que se deu a minha compreensão inicial do mundo. Eles nunca comentaram comigo essa questão. Imagino que, do ponto de vista emocional, não era fácil tratar do assunto.

Interfaces: E em meio a essa complexidade, como foi a sua infância?

DaMatta: Já casados, meus pais se mudaram de Manaus, passando por Alagoas, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Eu nasci em Niterói, e minha formação se deu em colégios circunscritos ao triângulo formado entre a minha cidade natal e as localidades mineiras de Juiz de Fora e São João Nepomuceno. Nossa casa era curiosa: não havia livros, mas tinha música. Minha mãe era uma exímia pianista. Imagine que começou a estudar em um pedaço de tábua, onde minha avó mandou pintar as notas musicais.

Interfaces: Sem dúvida, uma forma inusitada de aprendizado...

DaMatta: Sim, com certeza. Creio que minha mãe poderia ter sido uma menina-prodígio, porque tocava piano sozinha. Iniciou os estudos aos cinco anos. A professora pediu para que ela exercitasse esse talento, mas piano era um instrumento caro (e ainda é). Foi então que minha avó teve a ideia de encomendar a um carpinteiro uma prancha com as notas musicais, possibilitando, assim, que a filha pudesse praticar

as lições. Minha mãe possuía uma capacidade incrível de entendimento dos sons, como se tivesse o piano dentro de si. E pensar que, em sua infância, sequer existia vitrola. Era o tempo do fonógrafo, aquele aparelho movido à corda. Contudo, minha mãe tinha essa sensibilidade incrível para a música. Cresci em uma casa que, ao fim do dia, era iluminada por recitais. Esse também foi um pano de fundo para meu caminho rumo à Antropologia, diante de um estranhamento que se esforça por não condenar, algo que é fundamental nessa disciplina.

Interfaces: Que espécie de estranhamento é esse?

DaMatta: Minha mãe sempre se referia às diferenças regionais. Embalada certamente pela saudade, ela comentava sobre uma sociabilidade mais afetuosa na capital amazonense, obviamente numa visão idealizada e sob os filtros da distância. Imagino que trazia na memória a Manaus de sua juventude, uma cidade pequena, mas surpreendentemente cosmopolita e na qual nossa família gozava de certa notoriedade. Ao saírem de lá, meus pais acabaram por vivenciar a experiência da impessoalidade e do anonimato — esse traço dos migrantes e imigrantes. De minha parte, na Antropologia, busco traduzir como esses aspectos — o da impessoalidade e do anonimato — constituem requisitos fundamentais da modernidade. Esses dois elementos estavam entranhados em minha mãe e estão presentes na minha obra.

Interfaces: Como era a família constituída por esses dois irmãos de criação que se casaram?

DaMatta: Sou o mais velho de seis irmãos. Só estamos vivos eu e Ana Maria, a caçula, pois Fernando e Romero, os gêmeos, e Ricardo e Renato, os irmãos intermediários, infelizmente já partiram. Quando pequeno, eu ficava muito perturbado com o fato de todo ano minha mãe engravidar. Possivelmente, essa questão contribuiu para meu interesse em outra área, a Psicanálise, de modo a compreender o inconsciente — aquilo que se apresenta sem você saber, os costumes e desejos escondidos. Enfim, o que faz você ser o que é. Pierre Bourdieu chama isso de *habitus*, trazendo de volta um conceito antigo, quando se falava de cultura, estrutura social, matriz ideológica etc.

Interfaces: De que forma esse *habitus* influenciou o seu caminho?

DaMatta: Minha percepção do mundo esteve calcada em uma imensa curiosidade e, com certeza, na sensibilidade transmitida por minha mãe, cuja loquacidade se traduzia na música, que tudo harmonizava. Por outro lado, havia a austeridade do meu pai, um baiano criado no Amazonas, que morou no Rio e estudou na Escola Militar de Realengo, sem seguir carreira nessa área. Provavelmente, ele enfrentou grandes indecisões, tanto profissional quanto existencialmente. Meu pai faleceu sem que eu tivesse oportunidade de perguntar a ele essas questões. Daí a minha sugestão àqueles cujos pais ainda estão vivos: não percam a chance de conversar com eles.

Interfaces: Qual era a ocupação do seu pai?

DaMatta: Por conta das relações de família, na década de 1930 ele foi nomeado fiscal do consumo do Ministério da Fazenda no governo de Getúlio Vargas. Era um posto cujo salário se equiparava ao de ministro de Estado. Um decreto especial estabeleceu que esses fiscais faziam jus a um percentual de todo o consumo de sua jurisdição. Foi uma medida que gerou alguns milionários, especialmente nas regiões mais ricas, como São Paulo. Em Minas Gerais, meu pai tinha como área de abrangência Juiz de Fora e São João Nepomuceno, sendo que, nesse município, detinha o maior salário local. Sei disso porque, já professor, retornei a essa cidade com meus alunos para realizar uma pesquisa.

Interfaces: Que frutos obteve dessa experiência?

DaMatta: Posso dizer que trilhei o meu passado primeiro por meio da arte, passando pelo desenho e a ficção, e, depois, a partir de uma disciplina na qual tudo cabe: a Antropologia. Essa viagem de estudos a São João Nepomuceno teve como objeto compreender o papel e a importância das relações de amizade nas estruturas de classe do país, entendido como sistema social, e não como economia ou política parlamentar. Esse é um tema que, curiosamente, não é tratado nos livros, como se a amizade e as classes sociais existissem independentemente de família, amizade, compadrio, catolicismo, favores e reciprocidade. Apesar dos ensinamentos de Marcel Mauss,

considerado o pai (ou tio materno) da Antropologia francesa, essa temática é ignorada por nossos cientistas políticos e por muitos sociólogos.

Interfaces: Alguma experiência marcante na infância ou na juventude?

DaMatta: Desde menino, fui estigmatizado por ser canhoto. Primeiro, veio a “canhotice”; depois, o meu esquerdismo (risos). Não escrever com a mão direita, como a maioria, causou desconforto, porque ser diferente gera sofrimento. Mais tarde, como esquerdista, vivi o embate com meu pai. Enquanto eu queria libertar o Brasil das estruturas arcaicas, ele era reacionário e alienado. Lembro-me bem dessa época, no final dos anos 1950, quando estudava História na Faculdade Fluminense de Filosofia, hoje Universidade Federal Fluminense. Era o curso que mais se aproximava das minhas aspirações artísticas, que tinham a ver com desenho e escrita. Eu queria ser ficcionista e, de certa maneira, consegui. Não escrevo ficção, mas acabei me tornando escritor e cronista semanal – e, um dia, farei ficção de modo mais livre.

Interfaces: Quais foram suas influências na juventude?

DaMatta: Posso citar o jornalista e escritor Roberto Gonzaga, filho do teatrólogo Armando Gonzaga, autor de *Cala Boca, Etelevina*. Pessoa admirável, Roberto era irmão de uma tia por afinidade, casada com um dos irmãos de minha mãe. Sem dúvida, aprendi muito com ele, que me introduziu a autores como Graham Greene e Ernest Hemingway. Foi ele que me indicou *O Velho e o Mar*, quando do lançamento da obra. Com sua voz de locutor e incrível paciência, ele lia trechos de Greene e Olavo Bilac e ia me ensinando sobre a harmonia dos sons, o signifiante e o significado. Aprendi muito sobre escrita criativa — *creative writing* — com ele.

Interfaces: E onde entra a Antropologia?

DaMatta: Foi na faculdade, com o professor Luiz de Castro Faria. Antes disso, participei de um grupo de debate liderado pelo hoje professor, Paulo Alcoforado. Nós nos reuníamos no prédio de um cinema em Niterói, perto da minha casa. Paulo entendia de Filosofia e eu, talvez pelo meu lado competitivo, comecei a falar de Antropologia.

Mas meu interesse pela Antropologia ganhou impulso quando, mediante a atuação de Castro Faria, consegui um estágio na então Divisão de Antropologia do Museu Nacional. Estamos falando em 1958, época em que terminei o curso de oficial da reserva de Infantaria do Exército.

Interfaces: Por falar no Museu Nacional, é triste pensar que esse patrimônio cultural, onde você deu seus primeiros passos na Antropologia, tenha sido consumido pelo incêndio de 2018.

DaMatta: Muito triste mesmo. Foi no Museu Nacional que encontrei o professor Roberto Cardoso de Oliveira, grande mentor e pessoa fundamental na minha vida. Paulista, formado em Filosofia pela Universidade de São Paulo, tinha uma visão voltada à internacionalização da Antropologia brasileira. Sua ida para o Rio de Janeiro foi obra de Darcy Ribeiro, que ofereceu a ele uma posição no Museu do Índio. Para mim, o Roberto – ou RCO como nós, os alunos mais chegados, o chamávamos – foi mestre, amigo e instrutor exemplar. Por seu intermédio, visitei o Departamento de Sociologia da USP, na Rua Maria Antônia, em São Paulo, onde conheci Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni, Eunice Durham, Ruth Cardoso, Gioconda Mussolini, João Batista Borges Pereira, Egon Schaden, entre outros. Posso afirmar que o relacionamento com o RCO foi absolutamente fundamental na minha existência, no meu coração, na minha alma e na minha inteligência. Graças à sua influência, vivo hoje como gosto, cercado de um oceano de livros, dando vazão à minha libido intelectual.

Interfaces: Foi ao lado de Cardoso de Oliveira que você trabalhou com as culturas indígenas?

DaMatta: O RCO estava empenhado em compreender as estruturas sociais, compreender como as ideias funcionavam na vida real. Ademais, queríamos saber como as sociedades indígenas eram afetadas pelo contato e de que modo as interações se refletiam na formação da cultura brasileira e na destruição das culturas locais. Buscávamos entender o que acontece quando duas culturas se encontram, no momento em que diferenças de tecnologia se confrontam e quando a cultura dominante trata os indígenas como parte da sua própria constituição ontológica e cosmológica, da maneira

como ocorre no Brasil. Aliás, abordo esse assunto no livro *Relativizando: uma Introdução à Antropologia Social*, sob o título *A Fábula das Três Raças, ou o problema do Racismo à Brasileira*.

Interfaces: Quais tribos você teve oportunidade de estudar?

DaMatta: Como assistente do Roberto, estudei os Terena de Campo Grande e Aquidauana. Por conta própria, os primeiros nativos que vi foram os Gaviões (Timbiras Orientais de língua Jê), no Pará, entre os quais vivi meu primeiro choque cultural violento — alteridade de alta voltagem! Não sabia falar a língua deles, e eles não compreendiam o português. Aprendi ali que só é possível fazer Antropologia na medida em que você conhece a língua do nativo. Para complicar as coisas para o neófito, naquele momento os Gaviões estavam experimentando um conflito interno, bem como o choque do contato externo. Corriam o risco de extinção – o que, felizmente, não se concretizou. Sobre essa experiência, há o livro *Índios e Castanheiros*, escrito com meu querido amigo e companheiro de pesquisa, Roque de Barros Laraia, hoje professor emérito da Universidade de Brasília. Outro companheiro inesquecível dessa expedição é o Julio Cezar Melatti, também emérito da UNB.

Interfaces: Você também estudou os Apinajés, não?

DaMatta: Na sequência dos Gaviões, lá pelo ano de 1963, fui com minha mulher visitar os Apinajés. Éramos bem jovens. Nós nos conhecemos na faculdade e ficamos casados por 50 anos, até seu falecimento em 2019. Com os Apinajés, tratei de aprender a língua antes, já escolado pelas dificuldades enfrentadas na visita aos Gaviões. Contornada a questão linguística, nos deparamos com outro obstáculo: condições materiais aquém das necessidades que a tarefa impunha. A falta de recursos para pesquisas no Brasil é crônica – e, sob o governo anterior (2018-2022), a situação se mostrou absolutamente desastrosa.

Interfaces: Verdade. Você mencionou os índios Terena. Como foi essa experiência?

DaMatta: A visita aos Terena, no Mato Grosso, fez parte das atividades de um curso de aperfeiçoamento em Antropologia Social ministrado pelo professor Roberto Cardoso de

Oliveira. Nessa empreitada, estive ao lado de companheiros como Roque Laraia, Julio Cezar Melatti, a professora Acida Ramos, hoje emérita da Universidade de Brasília, e o já falecido Edson Dinis. Creio que foi neste período que o RCO estabeleceu contato com o britânico David Henry Peter Maybury-Lewis, que também se tornou meu mentor, professor e amigo.

Interfaces: Começa com ele sua experiência internacional?

DaMatta: Naquele tempo, Maybury-Lewis era professor assistente em Harvard, uma Harvard que havia formado Robert Merton e na qual lecionavam Talcott Parsons, George Homans, Cora DuBois e Roman Jakobson. A convite de Maybury-Lewis, cumpri em Harvard uma temporada de nove meses como aluno especial, retornando alguns anos depois para realizar meu doutorado. Não diria que ali eu me internacionalizei, mas sim que perdi a minha ingenuidade paroquiana de ter como centro do mundo bíblias de sociologia.

Interfaces: Maybury-Lewis era um *expert* em Brasil?

DaMatta: Doutor por Oxford, era pioneiro no estudo dos Xavantes e especialista nos índios Xerente. Conhecia nosso país melhor do que muitos professores brasileiros. Imagine que, em Harvard, ministrava cursos sobre a obra de Gilberto Freyre. Maybury-Lewis foi o homem mais civilizado que eu conheci. Nossos amigos ingleses diziam que parecia um personagem saído de um livro de Charles Dickens, de tão inglês que era. Falava russo, alemão, francês, espanhol, italiano e dinamarquês (sua esposa e companheira de vida, Pia, era dinamarquesa), além do inglês. Estivemos juntos também na Universidade de Cambridge, na qual, como afiliado ao King's College, conclui *Carnavais, malandros e heróis*.

Interfaces: Você também atuou na tradução das obras de Maybury-Lewis?

DaMatta: Em 1963, eu era consultor da Livraria Francisco Alves Editora e tive oportunidade de ajudar instrumentalmente Maybury-Lewis na tradução de um livro magnífico sobre os Xavantes. À época, o National Institute of Mental Health dos

Estados Unidos financiava seu projeto de estudo comparativo das sociedades de língua Jê do Brasil (como os povos Xerente, Xavante, Krahó, Kayapó, Krikati, Gavião e Apinajé). Ele generosamente me concedeu uma bolsa a partir desses recursos, e foi desse modo que me integrei ao seu grupo de pesquisas, que era composto por Terence Turner, Joan Bamberger, Jean Lave, Christopher Crocker, Dolore Newton e, posteriormente, Cecil Cook. Sem sua ajuda eu não teria perdido minha fulgurante virgindade intelectual.

Interfaces: Voltemos a Harvard. Conte-nos com mais detalhes sua vivência na universidade americana.

DaMatta: Como mencionei, estive em Harvard inicialmente em 1963, cumprindo pré-requisitos para o doutorado. Fiquei por lá por 9 meses, na companhia da minha esposa e do meu primogênito. Felizmente, atendi às expectativas de Harvard e meus professores foram enfáticos ao dizer que eu deveria voltar para obter meu Ph.D. Retornei a Harvard para o doutorado em 1967, permanecendo nos Estados Unidos até janeiro de 1970.

Interfaces: Eram os anos de chumbo no Brasil. Como você vivenciou esse período?

DaMatta: Em 1964, quando retornamos, dediquei-me à pesquisa no que era viável, visitei os Apinajés, colhi material. Estava mais aperfeiçoado, com bagagem instrumental mais sólida. Havia ampliado o arcabouço teórico-antropológico a partir de autores como Émile Durkheim, Boas, Maine, Malinowski, Marcel Mauss, Henry Hubert e Lewis Henry Morgan, que escreveu o clássico *Sistemas de consanguinidade e afinidade da família humana*, berço dos estudos de parentesco. Naquele tempo, esse livro sequer existia nas bibliotecas brasileiras – e, vale lembrar, não havia computador, livro digital, nada disso. Já durante o doutorado, me ausentei do Brasil de 1967 a 1970. Às vezes, sinto certa cobrança por não ter participado da resistência, mas, de certa forma, penso que a distância me salvaguardou de uma militância que certamente eu estava destinado a praticar. Muitos amigos foram presos, levados ao estádio Caio Martins, em Niterói. Eram periodicamente convocados pela polícia política. De alguma

forma, Harvard me salvou parcialmente dos anos de chumbo – e colocou outros chumbos na minha cuca.

Interfaces: O que veio na sequência?

DaMatta: Na volta ao Brasil, ministrei aulas na pós-graduação do Museu Nacional. Curioso é que encontrei lá o mesmo sentimento de polarização que vivenciamos hoje. Machado de Assis já dizia que, no Brasil, sempre há divisão. Diante de algo novo, descarta-se o anterior, e isso se dá em várias frentes. Eu me deparei com um grupo que não queria mais ler Durkheim e Lévi-Strauss, autor que, quando surgiu, ganhou adeptos que sequer compreendiam bem o seu estruturalismo. De Lévi-Strauss, traduzi para uma coleção da Editora Vozes a obra *As Estruturas Elementares do Parentesco*, atuando ao lado de Castro Faria.

Interfaces: Uma obra importante.

DaMatta: Esse livro, que a maioria no país sequer tinha lido, lançou luzes sobre questões complexas, como o incesto, o casamento preferencial entre primos e outros aspectos da família e da origem da sociabilidade humana. Diante da polarização que encontrei naquele momento, comecei a atentar-me melhor à dinâmica brasileira e voltar meu olhar para a problemática dos costumes. Foi quando entrei em contato com os estudos de outro importante antropólogo, o escocês Victor Turner.

Interfaces: Autor de *O Processo Ritual – Estrutura e Anti-Estrutura*.

DaMatta: Esse é um de seus títulos. Tive oportunidade de conhecer Victor Turner pessoalmente na Universidade de Cornell, no final dos anos 60. Já havia entrado em contato com sua obra em 1964, durante curso com o professor Thomas Beidelman, querido amigo que hoje é emérito da New York University. Em diálogo com a teoria de Arnold van Gennep e recorrendo a aportes *freudianos*, Turner escreveu sobre rituais, ocupando-se de estudar o que acontece nos ritos de passagem e nos umbrais, quando não se está nem de um lado nem do outro.

Interfaces: E o que ocorre nesses períodos de transição?

DaMatta: Bem, quando olhamos para o Brasil, a indagação que surge é: onde estão as continuidades? Temos perdido alguns elos de reconhecimento das pessoas e das outras gerações. Em geral, matamos os nossos ancestrais intelectuais. E o que permanece? Foi atrás dessas respostas que, com uma formação intelectual que não se prende a determinados autores, busquei interpretar o Brasil a partir da vivência de família, dos costumes, do compadrio, da reciprocidade e dos laços de amizade. Esses aspectos perpassam e influenciam a política brasileira, ainda que costumem ser formalmente ignorados por motivos óbvios. O formalismo nacional é uma negação da informalidade que permeia nossas vidas públicas.

Interfaces: É nesse contexto que entram obras como *Carnavais, Malandros e Heróis e A Casa e a Rua*?

DaMatta: Fui o primeiro no Brasil a estudar o Carnaval enquanto ritual e não como uma orgiaca festa jornalística, com assentimento para a exibição de peitos e bundas. Havia poucos livros sobre a história do Carnaval, e a ideia prevalente era que o Carnaval fazia parte do “folclore”, não sendo algo a se levar a sério. Meu livro, publicado em 1979, fez um sucesso extraordinário e trouxe um novo olhar sobre o assunto. Também escrevi *Universo do Futebol*, título que completou 40 anos. Aí veio *A Casa e a Rua*, tratando de temas como espaço, cidadania, mulher e morte em nosso país. Resolvi estudar o Brasil sem me ater a formalismos políticos, aproximando-me mais da invocação e da provocação. Interessam-me rituais e fenômenos que seguem certos *scripts* conscientes, a exemplo da clássica pergunta “Você sabe com quem está falando?”.

Interfaces: Que outros enfoques estão no seu radar?

DaMatta: Eu diria que me aguçam temas como a impessoalidade, o anonimato e o estranhamento, aspectos que vi minha mãe vivenciar diante das diferenças regionais em termos de sociabilidade. Atualmente, me interesso também pelo protagonismo dos costumes, inclusive ministro um curso a respeito. Quero colocar em foco qual é o protagonismo do Carnaval, do almoço em família, do compadrio e dos rituais de distinção. Entra aqui a questão de quem tem cara disso ou daquilo, ou seja, cara de

bandido, de malandro ou de “gente de bem”. Quero entender como surgem essas distinções, que geram forte impacto na sociedade e são fonte de um terrível preconceito.

Interfaces: Sem dúvida, um estudo da maior importância nos tempos atuais. Para encerrarmos, do seu ponto de vista, qual a articulação entre Antropologia e Comunicação?

DaMatta: O diálogo entre Comunicação e Antropologia é absolutamente fundamental, e há várias aproximações possíveis. Eu diria que são chaves para resolver problemas e ampliar perspectivas, do mesmo modo que os conceitos e as teorias sociológicas contribuem para tanto. Há vários pontos de intersecção e de interesse comum entre as Ciências Sociais, as Humanidades e a Comunicação, que é também uma humanidade. As Ciências Sociais são ciências do diálogo, são ciências das diferenças e das descobertas dessas diferenças. São também ciências do sofrimento, porque não tem nada que nos faça sofrer mais do que buscar ser entendido sem, no entanto, alcançar a compreensão do outro.

From home to street: interview with Roberto DaMatta

NASSAR, Paulo; FARIAS, Luiz A; ANDREUCCI, Ana C. P. T; CURCIO, Gustavo O. F. Da casa para a rua: Entrevista com Roberto DaMatta. **Interfaces da Comunicação**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2023, p. 1-14.

Recebido em: 07/11/2021.

Aceito em: 10/12/2021.